

DISCURSO, RAÇA E PODER NOS COMIC BOOKS DA EDITORA TIMELY (1941-1945)

GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO¹;
ARISTEU MACHADO LOPES²

¹Universidade Federal de Pelotas – historiadorribeiro@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – e-mail do orientador

1. INTRODUÇÃO

No início dos anos 1940, os *comic books*, mais conhecidos como histórias em quadrinhos no Brasil, eram um entretenimento muito popular nos Estados Unidos. Sua popularidade pode ser atribuída a diversos fatores, entre eles, o baixo custo, a possibilidade de trocar ou emprestar com outras pessoas, a diversidade de títulos e personagens, e, principalmente, eram de fácil assimilação. Assim, segundo estimativas da época, havia entre 70 a 100 milhões de leitores nos Estados Unidos em uma época que a população total do país girava em torno de 135 milhões de habitantes.

Concomitantemente, a administração Roosevelt encontrava sérias dificuldades para conseguir atingir a opinião pública, uma vez que qualquer forma de propaganda governamental era vista com desconfiança por parte da população estadunidense. Isso se devia aos usos recentes de técnicas de propaganda por parte de regimes fascistas na Alemanha e na Itália. Com o conflito se desenrolando na Europa desde 1939, os Estados Unidos permaneceu dividido entre aqueles que eram a favor de uma intervenção e os de opinião contrária até dezembro de 1941. Porém, após o ataque surpresa do Japão à Pearl Harbor a opinião pública se mobilizou e o país entrou no conflito.

A *Timely* era uma pequena editora de *comic books* fundada em 1939 por Martin Goodman, um descendente de imigrantes judeus que já possuía experiência no mercado de entretenimento impresso. Antes mesmo do ataque à Pearl Harbor, a editora já havia iniciado uma campanha de propaganda antinazista por meio de seus *comics*. Os super-heróis mais famosos da editora passaram a enfrentar em suas histórias espiões, sabotadores, soldados e até mesmo o próprio *Führer*. Namor, Tocha Humana e um personagem encomendado pelo dono da editora especificamente para essa campanha, o Capitão América, compunham o time de heróis da editora com histórias publicadas nos Estados Unidos durante todo o período em que perdurou a Segunda Guerra Mundial.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é desenvolver uma análise discursiva da propaganda patriótica contida nesses *comic books*. Especificamente, pretendo demonstrar que havia uma forte relação entre essa propaganda patriótica e um discurso racial, no sentido de reforçar a suposta superioridade da identidade branca e, ao mesmo tempo, estabelecer papéis de subordinação para os negros estadunidenses, legitimando também a violência contra os japoneses.

2. METODOLOGIA

O arcabouço teórico deste trabalho é composto por estudos sobre mídias (KELLNER, 2001), estudos culturais (HALL, 2016) e da análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 1995). O diálogo entre esses autores permitiu o desenvolvimento de uma abordagem para a análise em história com *comic books* baseada na

compreensão de que essas fontes não eram apenas uma forma de entretenimento. Os *comics* são representações culturais, vestígios do passado registrados pela subjetividade de seus respectivos autores. A linguagem visual e textual é empregada conjuntamente na construção dessas narrativas gráficas, nas quais diversos aspectos culturais dessa sociedade estão presentes.

Portanto, o discurso racial (izante) dessas histórias foi analisado com o suporte da metodologia desenvolvida pelo próprio Fairclough. Na concepção desse autor, o discurso é uma prática social manifestada por meio dos usos atribuídos à linguagem em dada sociedade. Assim, o discurso está presente na linguagem ao ser empregada para representar uma determinada prática social, a partir de um ponto de vista particular. Isso significa que a linguagem está diretamente relacionada com relações sociais de força e poder. Dessa forma, a análise do discurso teve como enfoque as categorias de participantes, a construção de suas identidades e suas relações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise discursiva das revistas *Human Torch*, *The Sub-Mariner*, *Captain America* e *Young Allies*, publicadas entre 1941 e 1945, demonstrou que a *raça* foi um elemento fundamental na construção da propaganda patriótica promovida pela editora *Timely*. A *raça* foi empregada na construção da identidade estadunidense, bem como na construção das identidades dos “inimigos” dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial.

No caso da identidade nacional estadunidense, foi constatado que ela era construída predominantemente pelos personagens brancos, ocupando sempre posições de protagonismo nessas histórias. Os brancos aparecem em posições de comando em instituições sociais como o exército, o governo, a polícia e nas próprias figuras dos super-heróis. Também são relacionados a valores “positivos” como inteligência, coragem, racionalidade, etc. Os personagens negros são quase inexistentes nessas histórias. Apenas uma das publicações, a revista *Young Allies*, continha algum personagem negro. Nesse caso, o personagem *Whitewash Jones*, faz parte do grupo de meninos que dava o nome ao título. Entretanto, a construção desse personagem, bem como a sua relação com os demais personagens, denota uma inferioridade intelectual do personagem em relação aos brancos. O personagem é supersticioso, o inglês em seus balões de fala é sempre confuso. Ele é muito atrapalhado, seguidamente causando problemas que os personagens brancos resolvem.

Em relação aos inimigos, japoneses e alemães, as diferentes formas como esses personagens foram construídos ao longo das publicações reforçam a hipótese inicial de que o discurso racial foi um aspecto fundamental da propaganda da *Timely*. Antes do ataque a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, os personagens asiáticos apareciam associados a ideias mais generalizadas em relação ao Oriente. Eram o “perigo amarelo”, personagens exóticos em ambientes ainda mais exóticos. Entretanto, após o ataque a Pearl Harbor, os Estados Unidos declararam sua entrada na guerra e as representações dos personagens orientais sofreram mudanças drásticas. De perigo do oriente, esses personagens passaram a ter uma nacionalidade bem definida: todos eram japoneses. Além disso, de exóticos os orientais, agora identificados claramente como japoneses, passam a ter dedos e dentes compridos, são cruéis e adeptos das mais diversas formas de tortura.

Embora os alemães/nazistas também sejam cruéis, não se trata de algo intrínseco ao povo alemão. Há histórias em que personagens de origem alemã se

recusam a seguir as ordens de Hitler. Assim, não há uma generalização em relação aos alemães, diferentemente dos japoneses, há alemães que são “bons”. E mesmo aqueles adeptos do nazismo demonstram inteligência na elaboração de planos e armas sofisticadas para atacar os Estados Unidos e seus aliados. Não são construídos como selvagens, algo semi-humano, ou até mesmo não humano, como no caso dos japoneses.

4. CONCLUSÕES

A análise das publicações da editora *Timely* demonstram que a *raça* foi um fator determinante na propaganda patriótica e de guerra da editora, principalmente após Pearl Harbor. Essa análise não deve ser dissociada do contexto mais amplo, pois discursos raciais permeavam toda a sociedade e política estadunidense de então. Portanto, embora tenha analisado o material de uma das cinco maiores editoras de *comic books* da época, este trabalho, fruto de minha dissertação de mestrado, contribui também para a compreensão das formas pelas quais os discursos raciais circulavam pela sociedade estadunidense e como o recrudescimento do patriotismo no período imeditamente anterior e durante todo o período que perdurou a guerra, utilizou a *raça* tanto na mobilização de uma identidade nacional, quanto na construção de uma *raça* inimiga tendo os japoneses como alvo.

Este trabalho também contribui com o desenvolvimento da historiografia brasileira em relação aos estudos sobre *raça* e na pesquisa tendo as histórias em quadrinhos como fonte. Por fim, ao analisar também a construção da identidade branca, a branquidade, espero ter exposto um dos muitos mecanismos culturais pelos quais o domínio branco nos Estados Unidos tem sido construído e mantido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Theodore. **The Invention of the White Race**. London: Verso Books, 2012.

Fairclough, Norman. **Language and Power**. 2nd Edition. Harlow: Pearson Education, 2001.

GILROY, PAUL. **Entre Campos**: Nações, Culturas e o Fascínio da Raça. São Paulo: Anablume, 2007.

GIROUX, Henry A. **Por uma pedagogia e política da branquidade**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.107, p.97-132, julho 1999.

HALL, Stuart. **Representation**: Cultural Representations and Signifying Practices. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage/Open University, 1997

HORNE, GERALD. Race from Power: U.S. Foreign Policy and the General Crisis of "White Supremacy". **Diplomatic History**, Oxford, v. 23, nº 3, p. 437-61, 1999.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru, SP, EDUSC, 2001

MARSTON, William M. Why 100.000.000. Americans Read Comics. **The American Scholar**, Vol.13, nº.1, 1943.

WRIGHT, Bradford W. **Comic Book Nation**: the transformation of youth culture in America. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001.